

Brasil na década dos 90

1 SET 1989

EDMUNDO KLOTZ



Está na hora de o País se preparar de maneira ordenada para enfrentar os desafios da próxima década. A grandeza territorial do Brasil, suas potencialidades, a qualidade de seus recursos humanos, as riquezas naturais, a força de seu parque industrial e uma população que já ocupa lugar de destaque no cenário internacional estão a exigir que o País não seja levado de roldão por circunstâncias políticas e econômicas. O Brasil precisa pensar grande. E pensar de maneira realista.

O posicionamento brasileiro em relação aos anos 90 tem como pano de fundo a inevitável tendência de globalização das economias mundiais. A formação dos blocos do hemisfério norte (EUA/Canadá), da Comunidade Económica Européia, com seu mercado de 320 milhões de consumidores, do Comecon, da Ásia (Japão e os tigres asiáticos), da Austrália e Nova Zelândia, deixará a América Latina e a África em uma situação bastante incômoda.

A alternativa brasileira, dentro desse contexto, direciona-se para a busca de parceiros com alguma significação, em termos de intercâmbio de negócios, tomando-se como pano de fundo a precariedade dos mercados latino-americanos e africanos, mesmo que se possa imaginar o fortalecimento, no médio e longo prazos, de economias como a da Argentina, não nos resta outra opção que a de procurar estabelecer nossa vinculação junto aos grandes blocos. As soluções para nosso desenvolvimento passam, necessariamente, por uma parceria, seja de que tamanho for, com os tentáculos da economia mundial.

Acita a premissa, podemos concluir que, para obter sucesso ante os mercados mundiais, o Brasil deverá

partir para uma agressiva batalha competitiva. Certamente não vai encontrar, daqui para a frente, a benevolência paternalista de "países-irmãos", a generosidade e a complacência de parceiros bondosos. A guerra da competição será acirrada, e quem não estiver preparado para enfrentá-la certamente ficará marginalizado e condenado a ser eterno exportador de produtos primários.

Nesse ponto, cabe aduzir sobre as estratégias que poderão nortear os rumos do nosso futuro.

Pais deve se ligar mais à economia mundial nos anos 90

A primeira questão relaciona-se à extrema necessidade de adotarmos uma atitude desenvolvimentista, seja qual for o próximo presidente da República. Em termos globais, tal decisão exigirá a volta do crescimento econômico, com o resgate do otimismo (sem usfanismo), a retomada dos investimentos e um clima que permita a razoável administração das dívidas externa e interna.

Não se pode mais conviver com a ilusão, ou sob a administração, de pacotes ciclotípicos. O Brasil precisa, urgentemente, descer ao plano das realidades. Concretamente, necessita de uma política econômica séria, sem riscos de congelamentos e estribada em uma política monetária fortemente voltada para o combate à inflação. A administração pública deverá se guiar por um modelo que priorize o corte nos gastos correntes, privatize investimentos estatais e privilegie a austeridade.

Também não se pode fortalecer uma economia quando imperam a malversação e a sonegação. Nesse sentido, além da redução de grande parte dos subsídios, a trilha mais viável está na maior eficiência na cobrança de impostos, na procura de tarifas reais nos serviços públicos e na equanimidade das taxações. Fica implícito, ainda, que a inserção do País no cenário da competição mundial

dar-se-á, inexoravelmente, por meio da abertura de mercados. Não podemos conviver com reservas de mercado que constituem verdadeiros cartórios a serviço de grupos. Um país saudável é um país que abre os flancos de sua economia de mercado.

A retomada da confiança também passa pela idéia de que o País não precisa de um "salvador da Pátria", pois a salvação da pátria é uma obra comum — portanto um empreendimento que depende de todos, e não de um gênio excepcional. Ao empresariado, neste particular, cabe a imensa fatia de responsabilidade, na medida em que exigir-se-á dele firme determinação e crença nas potencialidades do País. Sua decisão em investir é fundamental para alavancar o parque industrial, dando-lhe condições de modernização e viabilizando a adoção de estratégias competitivas para produzir e exportar manufaturados.

Mas o maior investimento que se pode fazer é no homem. Certamente, o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas será elemento vital para a expansão das empresas. Os anos vindouros serão bem-sucedidos para as organizações que tiverem a exata noção do homem como seu maior capital. Dentro de um contexto de alta tecnologia, a carência da mão-de-obra poderá ser fatal para o bom desempenho dos negócios. A melhoria das condições de trabalho, salário compatíveis, políticas de climatização interna serão, entre outros, fatores de sucesso.

Do governo, espera-se que coloque os interesses do País acima dos interesses egocêntricos de regiões ou lobbies corporativistas. Nos últimos dois anos, vivemos praticamente sob a égide de pressões e contrapressões, que exaceraram a sociedade, provocando climas de instabilidade e expectativas angustiantes. A pátria que todos ansiam clama por equilíbrio, harmonia e segurança.

Edmundo Klotz é presidente da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (Abia).